

Os usos da *métis*: Odisseu (VIII a.C.) e a Batalha de Salamina (V a.C.)

Enviado em:
10/06/2012

Aprovado em:
03/07/2012

Camila Alves Jourdan

Graduanda em História – Universidade Federal Fluminense
camila_historia_uff@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo tem como recorte temporal os séculos VIII e V a.C., e nele buscamos apresentar a noção *métis* (astúcia/ardil) nos casos de Odisseu e da Batalha de Salamina. Para tanto, faremos uso do conceito de “representações sociais” para compreender os valores na documentação textual e imagética acerca dos navegantes, uma vez que as habilidades astuciosas (*métis*) eram fundamentais no cotidiano desses.

Palavras-chave

métis; Odisseu; Batalha de Salamina.

27

Abstract

In this article we seek to expose the notion of *métis* in the examples of Odysseus (eighth century BC) and the Battle of Salamis (fifth century BC). We will use the concept of “social representations” to understand the values presented in the Hellenic imagery and textual documentation about the navigators.

Key-words

métis; Odysseus; Battle of Salamis.

O presente artigo é fruto das pesquisas desenvolvidas na bolsa de Iniciação Científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), vinculada ao Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens Da Antiguidade NEREIDA – UFF), sob a orientação do professor dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima.

Neste artigo temos como objetivo mapear a noção helênica *métis* em dois casos específicos: a astúcia de Odisseu para com as sereias (presente no canto XII da obra homérica “Odisséia”) e a vitória alcançada pela frota ateniense durante a guerra greco-pérsica no estreito de Salamina.

Apoiamo-nos no conceito teórico de “representações sociais” para compreender os valores empregados aos navegantes, à navegação, ao mar e a *métis*. Assim sendo, este conceito foi tomado da psicologia social e o utilizamos como o foi definido por Denise Jodelet (JODELET, 2001).

Sua aplicabilidade para esta pesquisa é plausível, uma vez que a partir desse conceito podemos tratar dos problemas psico-sociais das sociedades, tendo em vista que as *representações sociais* refletem as diversas esferas componentes de uma sociedade, a saber, religiosa, política e social.

As representações exprimem a dominação, compreensão e explicação de uma dada realidade e, quando isso nos conduz a definição dos distintos aspectos da realidade, as representações adquirem o valor social. Desse modo, as representações sociais tratarão de fenômenos passíveis de observação direta ou que poderão ser reconstruídos através de trabalho científico.

Tais representações sociais se encontram circulando nos discursos, seja por meio de palavras em mensagem ou de iconografias de grande circulação social, nas quais se nota uma cristalização da conduta dos indivíduos e sua organização material. Com essa noção, buscamos entender um mundo repleto de significações que fazem parte do cotidiano nos seus diversos elementos, como os valores, imagens, opiniões e crenças. Denise Jodelet entende representações sociais como sendo

uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais. (JODELET, 2001: 22).

Dentre os levantamentos de possibilidades feitas pela autora supracitada, o mais adequado à nossa pesquisa refere-se à *representação social* como um meio de

simbolização de dada realidade, ao qual são atribuídos significados e interpretações. Logo, será a iconografia presente nos vasos áticos, com alusão à navegação, o fio-condutor para se compreender as relações de *signo*, *significante* e *significado* que permeavam as integrações sociais dos atenienses com os *nautai*, em sua relação entre construtores da imagem e receptores dos signos.

Para compreender as ideias e valores, sobre os navegantes, que circulavam na Hélade, a navegação, a *métis* e o mar, isto é, suas “representações sociais”, recorreremos à obra *Odisséia*. Essa consiste na narrativa “[d]o retorno de um dos heróis desta guerra [Tróia]: Ulisses, que por haver ofendido o deus Posêidon vagou pelos mares durante dez anos antes de voltar à pátria, a ilha de Ítaca, e à esposa, a fiel Penélope.” (MOSSÉ: 2004, 171)

No canto XII da obra de Homero, a personagem Circe fala a Odisseu sobre novas situações que aguardam a ele e a seus companheiros, dentre as quais está o episódio com as Sereias (versos 37 ao 56). Partindo da ilha Eéia, Odisseu fala a seus companheiros, os *nautai*, sobre os obstáculos que enfrentarão no retorno à Ítaca, fazendo referência as Sereias¹.

Assim, Odisseu dá instruções a seus *nautai* (navegantes), para que possa ouvir o canto das sereias enquanto os remadores conduzem a nau em segurança, atravessando incólumes essa provação. Isto é posto nos seguintes versos da “*Odisséia*”:

“Atenção aos perigos! Evitar a voz arrebatadora das Sereias e os campos floridos em que moram é a primeira providência. Só a mim está reservado ouvir o canto. Amarrai-me firmemente. Não deverei arredar o pé. Estarei ereto junto ao mastro. Atem-me com laços apertados. Se eu rogar que me soltem, a tarefa de vocês será dobrar o nó.” (VV. 158-165)

29

No transcorrer do canto, até o verso 200, Odisseu encontra o lugar onde estão as Sereias e, rapidamente, põe cera nos ouvidos de seus companheiros e esses o amarram no mastro do navio. Desse modo, o navio consegue atravessar firmemente o mar e os remadores conduzem todos à segurança.

É nesse cenário em que se dá o embate entre Odisseu e as Sereias, no qual a *métis* é fundamental, uma vez que essa noção se exerce nos cenários ambíguos, de instabilidade, de movimento, seja na relação do homem com o mar (Odisseu/navegação), do enfrentamento de um perigo (Odisseu/ Sereias), ou da luta de duas forças antagônicas que aqui estão representadas pelo homem e natureza.

Contrapondo à documentação textual, faremos a análise de uma cena contida em um stamnos ático de figuras vermelhas, datado de 480 a 470 a.C., e

↔ A metodologia que utilizamos para a leitura da documentação textual pauta-se na proposta de Françoise Frontisi-Ducroux, nomeadas de “grades de leitura”. Ao optarmos pela utilização deste método, buscamos ir além de uma simples análise das temáticas que perpassam nossa pesquisa. Com este método podemos estender nosso olhar sobre o verso, à frase ou mesmo à passagem inteira na qual a referência analisada está presente, fazendo com que tenhamos um olhar mais amplo sobre as ideias presentes nas obras.

localizado no Museu Britânico.

Para tal empreendimento utilizaremos a metodologia de análise iconográfica proposta por Claude Berard: as “unidades formais mínimas”. Tal método compreende a imagem como um texto narrativo. Esse autor aponta que o imaginário grego é organizado sistematicamente e, portanto, a análise semiótica da imagem nos permitiria construir sua lógica, articulando-a ao imaginário. Nessa semiótica que busca a significação, edifica-se uma “semiótica da comunicação” (BÉRARD, 1983: 5).

De acordo com essa metodologia, existiriam elementos comuns (o repertório) que são usados em imagens, que permanecem estáveis e constantes no transcorrer dos séculos – ainda que hajam excessões –, compondo as “unidades formais mínimas”. É a partir destas *unidades formais* que se pode construir uma interpretação da imagem. Os signos das *unidades formais* por si só representariam uma infinidade de significados, entretanto, quando se encontram articulados com certos signos também presentes na imagem, há a delimitação interpretativa da cena (*Ibidem*, 1983).

Uma vez que essas *unidades* se articulam, se estabelece o *sintagma*. Esse, por sua vez, engendra-se a outro *sintagma*, e assim consecutivamente, até formar-se um quadro composto de signos e significados, construindo a *narrativa*. Ou seja, esse método visa transformar uma “narrativa imagética” em uma “narrativa textual” (*Ibidem*, 1983).

30



CVA British Museum 3 III Ic Pl. 20, 1²

2 Esta peça se encontra no Museu Britânico e consiste em um stamnos de produção ateniense com técnica de figura-vermelha datado entre 500 e 450 a.C., foi encontrado na Etrúria. Neste artigo utilizamos apenas uma face do vaso. Para conferir a face B deste stamnos vide: <http://www.beazley.ox.ac.uk/xdb/ASP/recordDetails.asp?recordCount=10&start=0>

Neste stamnos temos, como *unidades formais mínimas*, quatro signos que nos remetem ao mundo marítimo: a) *os remos* estão em número de oito e não são equivalentes numericamente ao número de remadores. Os remos se fazem indispensáveis à navegação, isso significa que o cenário em que ocorre a cena é o mar; b) a embarcação possui seu próprio *conjunto de velas e cordas*, sendo sua representatividade pautada na navegação, fundamental ao campo náutico desenvolvido no Mar Egeu; c) o *ariete/ esporão* está localizado na frente da nau, sendo em sua maioria feitos de bronze, eles se chocam com outras naus para afundá-las, sendo parte fundamental de uma embarcação grega; d) os *rochedos* que se encontram um em cada lado da cena estão ocupados por duas das Sereias presentes na imagem.

Essas *unidades formais* são signos que nos apresenta a existência de dois meios: o terrestre e o marinho, construindo a cena a partir da ambigüidade mar/terra. Tais *unidades formais* compõem um *sintagma* que nos remete ao meio marítimo.

Recaindo a análise sobre as personagens, podemos vislumbrar o *kubernetes*, os remadores, as Sereias e Odisseu, cada um sendo entendido como *unidades formais*: a) na cena há um *kubernetes* (capitão da nau) que está na parte traseira da embarcação, controlando dois remos que guiam o barco, simbolizando, dessa forma, a liderança, o conduzir do navio; b) os remadores são em número de quatro, dispostos em fila única, cada qual com seu remo. Ainda que não haja equilíbrio numérico entre número de remadores e remos, eles permanecem impulsionando o barco; c) as sereias existentes na cena são três, uma em cada rochedo e a terceira em um “mergulho” sobre a nau. Tendo no mar sua área de maior atuação como “figuras da morte marinha”, representam os perigos e dificuldades que os *nautai* encontrarão a bordo do navio. Decidimos considera-las como personagens uma vez que concebemos que inferem ações, constroem a representação a partir de sua atuação, não sendo, assim, apenas um símbolo de meio marinho – ainda que também o seja entendido como tal; d) a figura de Odisseu está situada no centro do barco, bem como da cena, amarrado ao mastro. Com o corpo rígido e ereto mantém-se a escutar as sereias cantando. Em sua proximidade há uma identificação do nome da personagem, evidenciando-nos a relevância dessa na composição da cena, já que é o único a ser nomeado e permanece no centro da imagem.

A junção dessas *unidades formais* nos remetem a outro *sintagma*, que está diretamente ligado à “Odisséia”.

Relacionando os *sintagmas* dessa cena, podemos compreendê-la como uma representação de parte do Canto XII da obra “Odisséia”. Ainda que devamos destacar que a cena não é uma transformação do “texto escrito” para um “texto imagético”, pois consideramos que o oleiro “filtrou” o saber tradicional sobre o citado canto a partir de seus valores. Com isto, pôs na imagem suas próprias

impressões psico-sociais da passagem entre Odisseu e as Sereias.

O posicionamento das Sereias nos expõe a característica fundamental para a compreensão da imagem, dado que duas estão a ladear o barco e uma em um “mergulho” sobre a embarcação ou mesmo sobre Odisseu. Isso mostra-nos as agruras que passava a nau, as quais, no entanto, pela disposição da terceira figura da Sereia, atingia mais fortemente o próprio Odisseu.

Creemos que a questão em destaque tecida pelo oleiro se constrói na figura de Odisseu, tendo todas as *unidades formais* voltadas para este. Por exemplo, há um remador com a face voltada para Odisseu, as sereias voltadas a olha-lo também, a direção da mão do *kubernetes* estendida. A representatividade que vislumbramos é do herói, visto que está usando a *métis* para executar um feito jamais realizado por um homem, ou seja, não ter sucumbido ao canto das Sereias. Com isso, nos é plausível analisar nessa imagem a *métis* e Odisseu como plano central do oleiro.

O ardil que envolve a cena, a qual, por sua vez, centra-se na imagem de Odisseu, mostra-nos o *nautés* que é *polimetis*, que consegue escapar das dificuldades e ainda possui a glória de sobreviver ao canto das sereias.

Essas habilidades e astúcias que possibilitaram a vitória de Odisseu no mar não estão presentes somente no imaginário grego. Como enfatiza Ana Lúcia Bomfim Vieira, a relação entre os gregos e o mar é *construída* desde princípios do período arcaico (século VIII a.C). Dessa maneira, nossa hipótese centra-se na possibilidade de compreender a *métis* como noção que perpassa o período clássico ateniense, principalmente no que tange a navegação (VIEIRA, 2005).

Segundo Jean-Pierre Vernant e Marcel Detienne, o termo *métis* designa uma inteligência astuta, um ardil com certa previsão do futuro, uma sagacidade capciosa, uma prudência avisada. O seu campo de atuação é amplo e relevante para os sistemas de valores dos gregos, entretanto, mantém-se nas “esquinas” dos acontecimentos, nas “fendas” de atuações do cotidiano (DETIENNE; VERNANT, 2008).

A noção *métis* é um jogo das práticas intelectuais e sociais que se apresenta no faro, na sagacidade, na vigilância constante, no desembaraço, na previsão, na sutileza de espírito. Os indivíduos que possuem a *métis* agem no “tempo de um relâmpago”, porém não é algo impensado, ao contrário, é um pensamento rápido e profundo, que prevê de antemão suas consequências e possibilidades.

A *métis* se encontra intrinsecamente ligada à prática, sendo concebida, também, como improviso, artifício, astúcia, prudência. Esse tipo de inteligência se faz necessário justamente quando o uso de força física não pode ou não dever ser utilizada para a obtenção do sucesso em determinada atividade (VIEIRA, 2008).

A *métis* está intrinsecamente ligada ao mito de Palas Atena, uma vez que esta é a detentora daquela. Podemos vislumbrar nas potências dessa divindade diversos campos de ação, como o artesanato e a guerra. No entanto, em um

primeiro momento seria curioso pensar em uma atuação de Atena no mar e na navegação. Esta se potencializa como *aíthyia*, atuando na orientação do navegante, seja como um animal que o orienta, como a gralha marinha, ou por intervenção direta, como ocorre na viagem de Telêmaco na *Odisséia*. Em ambos os casos, a *métis* do navegador se faz necessário para se aperceber das inúmeras situações que lhe são configuradas (DETIENNE; VERNANT, 2008).

É válido ressaltar que Atena *Aíthyia* se configura como a gralha marinha e que tal representação conota um valor de mediação entre três elementos da navegação: a terra, a água e o ar, elementos presentes no mundo marítimo. Como destaca Vernant e Detienne, “Enquanto pássaro do mar, abandonando a terra para lançar-se no espaço marinho e voltar em seguida à margem, a gralha do mar aparece como homólogo do navegador (...) pode também representar o navio no limite da terra, da água e do céu.” (*Ibidem*: 193). Atena, quando está assim potencializada, atua ensinando a arte da navegação, abrindo caminho no mar, trazendo a luz em noite de tempestade. Atuando em um cenário marítimo que é marcado por questões religiosas, como o *pontos* e *póros*, a *týkhe* e o *kairós*. A figura de ser um pássaro não é algo tão somente mítico-religioso, é técnico, uma vez que a navegação na antiguidade, em específico a grega, usava o pássaro como um espécie de “bússola”, que ligava o mar e a terra, apontando o caminho desta.

Para o segundo caso por nós apresentado, propomos elucidar a *métis* em um contexto histórico: as guerras entre helênicos e persas nos primórdios do século V a.C., mais precisamente durante o arcontado de Temístocles e o desenvolvimento de sua política *thallasocratica*. Acerca disto, o autor da obra “A Constituição de Atenas”, pseudo-Aristóteles, refere-se à política de Temístocles, no que tange a construção da frota marítima ateniense, da seguinte maneira:

[...] descobriram-se as minas de Maronéia, de cuja exploração a cidade retirou cem talentos. Alguns propuseram que o dinheiro fosse distribuído ao povo, porém Temístocles o impediu; sem revelar no que aplicaria os recursos, insistiu apenas em que se desse, em empréstimo, um talento a cada um dos cem atenienses mais ricos e, então, caso seu emprego fosse aprovado, a despesa correria por conta da cidade, e caso contrário, o dinheiro seria cobrado aos que o haviam recebido emprestado. Dispondo dos recursos nessas condições, providenciou a construção de cem trirremes, com cada um daqueles cem ricos construindo um navio, e foi com essas trirremes que eles combateram os bárbaros em Salamina.” (Aristóteles, *Constituição*. XXII: 7)

Nessa passagem vislumbramos a proveniência dos recursos que tornaram possível o empreendimento estatal para a construção do poderio marítimo da

pólis dos Atenenses e a tributação das classes censitárias solonianas mais altas à *trierarquia*.

Temístocles, criador do poder naval ateniense, era nascido de uma família aristocrática, os Licômidas. Claude Mossé nos informa que, segundo Dionísio de Halicarnasso, Temístocles teria sido arconte em 493-492 a.C. e somente na década de 480 a.C. é que teria adquirido proeminência, momento em que teria destinado renda para construir uma frota (MOSSÉ, 2004: 268).

Heródoto aponta que Temístocles haveria construído os navios para afastar os Egípcios. No entanto, Mossé argumenta que o arconte poderia estar prevendo que os persas ainda não tivessem desistido de seus intentos com relação à Hélade. Com isto, em 483 a.C., o arconte efetiva a construção da frota ateniense, formando uma marinha de guerra composta por trirremes. Tal frota desempenha um papel duplo: de um lado servia como transporte dos guerreiros pelos campos de batalha, por outro era ela mesma uma arma de guerra (*Idem*).

Focando-nos na questão da embarcação e dos homens que nela exerciam funções, A. Cartault informa-nos que nada influía mais sobre a construção naval, sobre a tática e sobre as operações de uma esquadra do que a força motriz de que dispunha o navio, sendo no Mediterrâneo a *força humana* largamente usada (CARTAULT, 2010).

34 Os remadores de uma trirreme ateniense eram os de classes mais baixas na ordem censitária social – os *thetas*. O papel desses era de impulsionar os barcos de guerra da *pólis*. Isso era tão relevante que os *thetas* foram adquirindo um poder político referido na constituição cada vez maior (*Idem*).

Entretanto, no cerne ideológico da sociedade ática, os remadores eram mal-vistos pela função que desempenhavam, “considerava-se como algo não muito ‘masculino’ remar numa trirreme, enfrentando o inimigo invisível no momento do impacto e às vezes se retirando taticamente em vez de avançar com firmeza para enfrentar o inimigo frente a frente, como faziam os hoplitas”. (CARTLEDGE, 2009: 268).

Dessa forma, a navegação, bem como a guerra naval, era uma luta estratégica, em que prevaleceria a astúcia. Os hoplitas na *pólis* dos Atenenses não recebiam nenhum treinamento para uma formação própria, enquanto que os remadores empiricamente adquiriam as devidas habilidades técnicas para a navegação.

Como destaca Mossé, um autor anônimo reconheceu, em “República dos Atenenses”, a relevância da marinha ateniense e de sua mão-de-obra:

Graças às suas possessões fora das fronteiras e aos encargos que vão exercer além-mar, os atenienses adquiriram insensivelmente o manejo dos remos ... Formaram-se assim bons pilotos pela experiência

marítima e pelo exercício ... A maior parte deles logo que entra em um barco é capaz de manejá-lo, por ter-se exercitado nisto durante toda a sua vida (I, 19-20)' (MOSSÉ, 2004: 195)

Essa autora marca a existência de uma associação entre a formação da marinha ateniense com a política de democracia, uma vez que a massa dos cidadãos pode fazer parte da política da *pólis*. Esse ideal é construído pela autora por seu posicionamento de que um indivíduo, para exercer sua função de cidadão, só o poderia caso fosse capaz de guerrear, ou seja, um ideal de cidadão-guerreiro. Tais remadores eram cidadãos que não tinham a possibilidade de custear uma panóplia, e assim exercer a função de hoplita. Com sua inserção na marinha ateniense, eles poderiam usufruir mais amplamente das benesses da participação política, já que poderiam proteger a cidade.

Identificamos, dentro do contexto das Guerras Médicas, um momento em que a *métis* foi essencial: a Batalha de Salamina. Segundo Mossé, Ésquilo apresenta a batalha de Salamina como um ardil de Temístocles, uma vez que esse arconte usou da estratégia de induzir os persas ao estreito que existia entre a costa e a ilha, no qual as embarcações atenienses lhes desferiam golpes poderosos que afundaram as naus persas. O navio usado pelos atenienses era a trirreme, inovação à época. A trirreme foi arquitetada para ser um barco veloz e manobrável, assim, “para se obter a máxima eficiência de ação [da trirreme], a leveza do barco precisava ser combinada com uma força muscular coordenada e com a capacidade de um timoneiro especializado” (CARTLEDGE, 2009: 265).

A manobra que teve papel decisivo, permitindo a vitória dos atenienses, na batalha de Salamina, foi o movimento denominado DIEKPLOUS, “que consistia em passar através da linha formada pelos vasos inimigos, esporando-os depois ao voltar (...)” (MOSSÉ, 2004: 195).

A estratégia usada por Temístocles de atrair a frota persa para Salamina foi a utilização da *métis*, uma inteligência astuta, no qual vislumbrou-se as possibilidades de ataques naquela região do Mar Egeu, tão conhecida pelos helenos, unindo-se ao uso da *métis* dos *nautai* e remadores, aqueles por guiarem o traçado de ataque e estes por efetivarem tão habilmente os movimentos com a trirreme. Assim, é plausível relacionar as habilidades de navegação com a divindade políade ateniense. E, nesse caso específico, não somente atua uma deusa que tem sua potência na navegação, como também que está presente na guerra de estratégia - Athena *khalíoikos* (DETIENNE; VERNANT, 2008).

Concluimos que o mar é o lugar ambivalente, das rápidas mudanças, da inconstância. Nesse meio inóspito, os *nautai* precisam do conhecimento, dos saberes pertinentes à navegação. No entanto, não só os saberes seriam capazes de salvaguardá-los, seria preciso ter a habilidade do pensamento, do ardil, da astúcia,

ou seja, a *métis*.

Dessa maneira, entre o caráter mítico de Odisseu e a guerra entre gregos e persas, a noção *métis* se torna indispensável para compreender as astúcias tão necessárias àqueles que navegam, seja pelo retorno ao lar, pela frota de guerra ou pelo comércio.

Referências Bibliográficas

Documentação textual

ARISTÓTELES. *A Constituição de Atenas*. Trad. Francisco Murari Pires. São Paulo: Editora HUCITEC, 1995.

HOMERO. *Odisséia: Telemaquia*. Tradução, introdução e análise de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007.)

HOMERO. *Odisséia: Regresso*. Tradução, introdução e análise de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007

HOMERO. *Odisséia: Ítaca*. Tradução, introdução e análise de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007.)

Documentação Iconográfica

Old Catalogue 785

Vase E440

CVA British Museum 3 III Ic Pl. 20, 1

http://www.britishmuseum.org/research/search_the_collection_database/search_object_image.aspx?objectId=399666&partId=1&searchText=odysseus&fromDate=500&fromADBC=bc&toDate=400&toADBC=bc&titleSubject=on&orig=%2fresearch%2fsearch_the_collection_database.aspx&images=on&numPages=10¤tPage=2&asset_id=7497

Bibliografia

BÉRARD, C. Iconographie-Iconologie-Iconologique. *Études de Lettres*. Fasc. 4, 1983.

BURKERT, Walter. “Os deuses configurados”. In: *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

CARTAULT, A. “Les Rames” In: *La trière athénienne – Étude d’archéologie navale*. Nabu Press: Paris, 2010 [1881].

CARTLEDGE, Paul. (ORG.) “Guerra e Paz”. In: *História Ilustrada – Grécia Antiga*. Trad. Laura Alves e Aurélio Rebello. 2 ed. São Paulo: Ediouro, 2009.

DÉTIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. *Métiis: as astúcias da inteligência*. São Paulo: Odysseus, 2008.

FRONTISI-DUCROUX, F. *Dédale ou la Mythologie de l’Artisan*. Paris: François Maspero, 1975.

JODELET, Denise. “Representações sociais: um domínio em expansão”. In: *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MOSSÉ, Claude. *Dicionário da Civilização Grega*. Trad. Carlos Ramallete. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

37

_____. “As Guerras médicas e os primórdios da hegemonia de Atenas”. In: *Péricles – o Inventor da Democracia*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

Verbetes “Sirènes” escrito por R. Dayreu. Sirènes. In: LA CARRIÈRE, J. *Dictionnaire de la Grèce Antique*. Paris: Albin Michel, 2000, p. 1208.

VIEIRA, Ana Livia Bomfim. *Os Pescadores Atenienses: A Métiis da Ambivalência na Atenas do Período Clássico*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – Programa de Pós-Graduação em História Social, 2005.

VIEIRA, Ana Livia Bomfim. “Entre a ‘métiis’ da pesca e a honra da caça”. In: *PHOÏNIX- Laboratório de História Antiga/ UFRJ*. Ano XIV. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.